

O LADRÃO DE DESTINOS

Capítulo Um

A menina sonâmbula

Mayumi Cheng detestava ter de voltar para casa sozinha. Pelo menos naquelas ocasiões em que era melhor nem ter saído da cama. Se pudesse, encurtaria de maneira providencial o percurso que fazia da escola até loja de antiguidades do velho Lao Pengyou. Ali, poderia evitar o olhar estranho de todos aqueles meninos que cochichavam coisas terríveis a seu respeito.

"Uma dorminhoca" Era o que diziam.

"Vai ver por isso não abre os olhos completamente" Diziam outros.

Mayumi detestava ter de ouvir aquilo, mas não havia remédio. Sabia também que, se apertasse o passo, denunciaria a ofensa pelos burburinhos, o que de certo modo, deveriam ser suportados pacientemente, já que a lojinha estava a dois quarteirões de distância.

À cada fachada, ou mesmo a cada poste de iluminação do destino, o martírio só fazia aumentar.

Como queria que tudo fosse diferente!

Mayumi não achava que merecesse aqueles comentários, mas ultimamente sentia-se culpada por cada palavra proferida a seu respeito. Afinal, dormir em plena sala de aula, era o tipo de coisa que até uma menina como ela reprovava. E se existia algo que Mayumi detestava, era admitir que aqueles meninos estavam dizendo a verdade.

"Dormir no meio da aula!" repetia ela com certo amargor.

Quando isso acontecia, o que poderia levar uma hora, ou apenas alguns segundos, a menina acordava em lugares onde não supunha

estar antes de perder a consciência, aumentando consideravelmente a preocupação em causar algum vexame.

- SONAMBULISMO - Era como chamava este problema, a Dona Marta, professora de Biologia, enquanto escrevia com ferocidade a palavra na lousa. - Um transtorno comportamental do sono que...

"Tenho desde pequena" completava a menina, mentalmente.

Mayumi detestava a palavra "sonâmbula". E talvez porque achasse que o torpor que precede o sono sempre a venceria, procurava estar em alerta a todo instante. Algo que o ambiente não colaborava.

Todas as aulas lhe eram enfadonhas. Discursos intermináveis, matérias que não faziam conexão com os pensamentos da menina...

Exceto a do Professor Armando Crespi.

Armando era recém-formado, e Mayumi não conseguia dormir em sua aula. Parte porque o professor, jovem e de bom aspecto, não era do tipo que arrastava os ponteiros do relógio, arrastava sim suspiros da maioria das alunas. Mayumi jamais o encarou, mas seus olhos estreitos, que figuravam como duas pinceladas de sumi, o acompanhavam por toda a sala de aula. Não que quisesse, mas o coração era responsável pela vigília involuntária. Armando parecia perceber. Mas nunca demonstrou coisa alguma. Andava distraidamente pelas carteiras sem olhar para ninguém em especial. Armando tinha um nariz grande, uma boca estreita, e um queixo que azulava ao aparecimento da barba.

Quando Armando foi substituído por outro professor, numa quarta-feira, Mayumi adormeceu. E foi terrível ter de acordar no banheiro feminino. Todos estavam ali espreitando sua saída, para fazer chacota da menina sonâmbula. E por conta deste desagradável evento ela teve de ir embora mais cedo.

No dia em que esta história começa, portanto, isso não aconteceu. Mayumi teve de ficar até o final, mesmo depois de acordar no corredor, porque, afinal, era dia de prova.

A menina ia assim, ruminando toda aquela série de eventos estranhos, almejando chegar à lojinha, quando, de repente, foi surpreendida por um corpo bojudo, que cruzou a sua dianteira e parou abruptamente. Mayumi não teve tempo de estacar, e foi como dar de encontro a uma grande almofada velha e mal cheirosa.

A grande almofada era Matilde Stern. Uma menina robusta, suada, do sexto ano, que há dias a observava no refeitório (ou pelo menos, lançava certos olhares de esguelha, muito suspeitos e tenebrosos, que Mayumi suspeitava ser algum tipo de resposta a um suposto interesse do professor pela menina).

Por isso sorveu o pouco ar que lhe restava, enquanto pensava em como se desvencilhar de uma situação desconfortável como aquela, quando disse, numa voz que lhe soou como um guincho:

- Olá.

Matilde não moveu o rosto, um rosto duro como daqueles homens que praticam luta livre pela tevê. Talvez estivesse chocada com aquela saudação. As sardas eram um detalhe que Mayumi jamais observaria à distância, e agora tingiam de maneira peculiar a expressão carrancuda, o que lhe aumentava o aspecto selvagem.

Ficaram ali naquele afrontamento por segundos intermináveis, até Mayumi ser acometida por um apertão muito forte no braço. A menina não supôs que Matilde fosse tão voluntariosa.

-Ai!

Aconteceu que, no susto, ao trazer a mochila das costas para o lado, a alça envolveu a mão de Matilde como uma tipoia. Não imaginando que poderia fazer aquilo de fato, Mayumi torceu o próprio corpo para a esquerda, enquanto o braço de Matilde era torcido para direita, e a mochila (que era mesmo muito pesada), contribuiu para o efeito final daquele golpe desajeitado: as duas se soltaram.

Ainda surpresa, Mayumi encurvou-se em tempo de escapar de uma bofetada, e ágil como uma lebre apressou o passo pela rua. A timidez dos passos foi deixada de lado em segundos, e a menina se viu correndo, por dois quarteirões inteiros.

Quando a pequena porta vermelha, com caracteres chineses dourados surgiu à sua direita, ela simplesmente a empurrou, e fechou-a atrás de si, e, então, tudo mergulhou numa atmosfera sombria e reconfortante.

Cheiro de incenso, madeira velha, cola e tecido traduziram segurança aos sentidos da menina, somados ao frescor da lojinha silenciosa que a isolava do dia calorento.

Atrás de um balcão abarrotado de dragões de ferro fundido, estava a figura robusta, triangular e barbuda de Lao Pengyou.

- Mayumi - foi o que ela ouviu dele, numa voz doce e grave. - Parece pálida!

A menina ergueu a cabeça, limpou o suor, e voltou os olhos que se estreitaram como as delicadas pinceladas de sumi. O rosto cintilou sob o reflexo esverdeado da janela pintada, que filtrava a claridade do dia, e ela fez uma careta.

- Pareço verde - murmurou, enquanto observava a si mesma num grande espelho que pontuava os locais do Feng Shui. - Será fome?

O velho levantou-se do banquinho atrás do balcão, e sorriu, enquanto esticava ainda mais os olhinhos negros.

- Pode ser. Por que resolveu vir mais cedo? Não deveria almoçar?

A menina ficou na dúvida se deveria responder aquela pergunta. Há duas semanas, aceitara trabalhar na lojinha, mesmo sem o consentimento dos pais.

- Ahn... Acho que ir direto para casa não seria uma boa ideia hoje.

- Sim. Sim. É como deve pensar. Nunca tenha a rotina aliada a problemas. Quer comer uns guiozás?

Mayumi meneou a cabeça afirmativamente. Retirou a mochila das costas e a depositou numa cadeira que ficava ao lado da janela pintada. Alisou o uniforme, acreditando estar amarrotado, enquanto avaliava a camisa branca encardida, com o bolso bordado

"Cheng". A saia também lhe pareceu suja, sem mais o mesmo azul marinho de antes, e muito desajeitada, caindo acima dos joelhos, franzida como papel de brigadeiro de cabeça para baixo. O velho Pengyou contornou o balcão, cruzou a estreita lojinha, até a porta da rua, e pendurou a plaquinha "volto depois do almoço" na maçaneta pelo lado de fora. Depois voltou-se para Mayumi, oferecendo-lhe um lugar no balcão onde pudessem fazer a refeição.

- Então, aconteceu novamente, hein? - Indagou o velho chinês, sem dirigir-se a ela.

Mayumi suspirou. O patrão sabia mais do que ela imaginava. Sabia até mais que sua própria família. Também não os culpava por isso. Os pais de Mayumi eram verdadeiramente atarefados, mas trabalhavam de sol a sol para que a menina estudasse numa escola particular. A única coisa que não agradava a menina é que fossem contra o trabalho que desempenhava à tarde na loja do velho Lao.

"Mas tenho que ajudar de alguma forma!" dizia a menina.

- Bem, digamos que sim - respondeu Mayumi, enquanto ajustava os rashis nos dedos.

Era mesmo curioso perceber a opinião dos pais sobre o assunto, opiniões tão distintas, mas que levavam a um mesmo veredito. O pai acreditava que a menina não devia trabalhar (bastava que os Chan resolvessem fazer o filho deles casar com ela, para que a menina tivesse uma vida tranquila por sete gerações futuras), mas a mãe, muito sensata, acreditava que o trabalho era inevitável até o casamento, embora não fosse ainda o momento certo de acontecer. Visões tão deterministas, regidas por tradições tão tolas, que Mayumi às vezes se irritava de ser resultado de uma matemática genética um tanto marrenta.

O pai de Mayumi era filho de imigrantes chineses, era falante, e muito dado aos negócios. Trabalhava numa fábrica de peças de automóveis. Era magro e ágil, boca larga, olhos expressivos e amendoados; testa estreita e cabelo negro basto e espetado. Não achava bom que mulheres trabalhassem. A mãe de Mayumi era japonesa. Trabalhava (a contragosto do Sr. Cheng) criando vitrines de lojas com origamis decorativos, e, ao contrário do

marido, era muito séria e reservada. As mãos miúdas e habilidosas formavam um belo conjunto com o corpo delicado. A cada ano, os cabelos negros dela eram encurtados, e emolduravam um rosto triste e preocupado.

- Então, acho que deve saber controlar isso - murmurou subitamente Pengyou, despertando a menina de seu devaneio. - É uma menina de espírito livre, e isso não significa que seja selvagem. Pode ser muito bem trabalhado.

Mayumi sorriu. O velho Pengyou tinha um jeito muito especial de não chamá-la de "sonâmbula". Pois era exatamente este distúrbio do sono que fazia Mayumi andar, falar e até comer durante o sono.

- Obrigado, Sr. Lao. Mas veja só, hoje... Bem, hoje, por exemplo, acabei pegando no sono durante a aula.

O velho ainda mastigava e olhava para a parede, como respeitasse a timidez da menina em confidenciar aquele assunto.

- Sim, prossiga.

- E acordei no corredor - concluiu ela, amargamente.

Os guiozãs pareciam deliciosos. Mayumi colocou um destes bolinhos inteiro na boca, o que a impossibilitou de se pronunciar por meio minuto (o que lhe pareceu uma oportunidade de findar o assunto).

- Já experimentou ir para outros lugares? - Indagou o velho, subitamente.

A menina engoliu em seco.

- Ir para outros lugares? Como assim? Já não é suficiente sair por aí, sem saber?

O velho sorriu.

- Na verdade, quando se tem o espírito livre acabamos andando por aí sim, mas porque estamos presos aqui - e ao dizer isso, o

velho criou círculos imaginários com os dedos, indicando o curto espaço da lojinha. - Da próxima vez procure ir além, entende? Talvez o corpo desista de lhe acompanhar.

Aquela explicação soou tão estranha, que mais nada foi dito durante toda a refeição. A lojinha ganhava sombras por todos os cantos, com o aproximar da tarde. Vasos em porcelana, guerreiros em miniatura, carrancas, eram agora todos banhados pela claridade. Em dado momento, quando Mayumi se preparava para reabrir a loja, Lao Pengyou percebeu o braço da menina muito roxo, certamente um hematoma provocado pelo apertão de Matilde. Aquilo o desagradou consideravelmente.

- Mas isso não devia ter chegado onde chegou - murmurou ele, veemente, - por que não me contou?

- Pensei que estivesse se referindo àquele "problema", quando perguntou se aquilo havia acontecido novamente..

- Ah, não, não exatamente. Dizia sobre as atitudes de seus colegas de sala.

Mayumi abaixou a cabeça.

- Talvez devesse ir embora, e voltar melhor amanhã - inferiu o velho.

"Bem, talvez, nem devesse ter saído de casa" pensou a menina.

- Vou levá-la - disse ele por fim.

Aquilo despertou Mayumi para uma situação ainda mais desconfortável. O patrão a levando para casa? E se Matilde ainda estivesse espreitando no quarteirão? Decerto diria que estava usando o velho como guarda-costas, e isso só faria piorar as coisas.

Como gostaria de que nada daquilo estivesse acontecendo!

Mas estava.

O trajeto até a casa de Mayumi foi feito em quinze minutos. Os passos curtos e ligeiros do velho Pengyou ritmaram os passos de Mayumi. A menina ia esquadrinhando cada beco, ou viela, em busca de Matilde. E isso contribuiu para que chegassem em casa, sem que ela percebesse o tempo decorrido. No fundo, Mayumi estava envergonhada de pedir para que o patrão a deixasse na esquina. Pengyou, por outro lado, parecia satisfeito com o traje que usava para a caminhada: vestia uma camisa de seda para fora da calça, e sapatilhas confortáveis.

A mãe de Mayumi ficou espantada ao abrir a porta da rua. O sobrado de tijolos aparentes, espremido entre duas outras casas, dava a impressão de que todos os cômodos faziam parte de um extenso e estreito corredor. Curioso, Pengyou girou a cabeça triangular para o lado, deduzindo onde o corredor acabaria. "As camas são suspensas para economizar espaço" Mayumi explicou certa vez. Ao perceber que a mãe de Mayumi, uma senhora de rosto muito preocupado o fitava com incredulidade, voltou a se comportar.

- Trouxe sua filha para casa, Sra. Cheng - explicou ele, - pois acredito que ela esteja precisando de repouso. Dias quentes, veja a senhora.

E fez uma reverência.

A Sra. Cheng relanceou para a filha e depois para o velho.

- Deseja entrar? - Indagou ela.

- Oh, não, não! Estou aqui apenas para garantir que a Srta. Cheng chegou bem. Agora se a senhora me permite...

Antes que a Sra. Cheng lhe dissesse coisa alguma, Mayumi viu quando os lábios de Pengyou pronunciaram:

"Procure ir para outros lugares"

Mayumi abaixou a cabeça e entrou sem se despedir, sob o olhar de desaprovação de sua mãe.